

# Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

24 de junho a 01 de julho de 2022 | [www.abbc.org.br](http://www.abbc.org.br)



## Recessão e risco

Na semana, os crescentes temores com uma possível recessão nos EUA deterioraram a aversão ao risco. Com os dados mais fracos de atividade e a possibilidade de um ciclo de aperto monetário seja menos agressivo, o rendimento das *T-Notes* de 10 anos recuou fortemente em -0,25 p.p. para 2,88% a.a., devolvendo toda a alta registrada em junho. Na esteira da maior percepção de risco nos mercados globais, o dólar ganhou força frente às principais moedas, com o *Dollar Index* elevando-se em 0,91%. Reagindo não só ao ambiente externo mais adverso e ao recuo dos preços das *commodities*, mas também a uma maior preocupação com o regime fiscal, o real encerrou o período cotado a R\$ 5,33, o que significou uma alta do dólar de 1,71% na semana e de 10,73% no mês. O prêmio do CDS de 5 anos subiu 10,07 bps. para 296,48 bps..

Alinhado ao desempenho favorável da atividade econômica no ano, o mercado de trabalho continuou apresentando indicadores positivos, com a PNAD-Contínua mostrando uma taxa de desemprego de 9,8% no trimestre móvel findo em maio, o menor nível desde 2015 (-4,9 p.p. em relação ao mesmo trimestre de 2021). Já o Caged apontou geração líquida de 277,0 mil vagas de empregos formais, o que representou uma alta de 40,3% na margem (4,0% frente a mai/21). A expansão do trabalho formal, entretanto não se replica em aumento da renda real e tende a se reduzir em meio ao esperado arrefecimento da economia em resposta ao necessário aperto das condições financeiras para a convergência da inflação.

Ademais, o resultado fiscal do Governo Central apontou déficit mensal de R\$ 39,4 bilhões em maio, o 2º maior para o mês desde o início da série histórica, só perdendo para mai/20 no início da pandemia. Já a balança comercial de junho apresentou superávit de R\$ 8,8 bilhões, alta de 78,4% na margem, acumulando um saldo de 34,2 bilhões no semestre (-7,4% em relação ao mesmo período em 2021). Por último, as sondagens de confiança da FGV em junho mantiveram evolução positiva em todos os principais setores, refletindo o maior grau de abertura da economia, as avaliações favoráveis em relação a atividade e o maior equilíbrio dos estoques na indústria. Todavia, a perspectiva mantém-se desafiadora para os meses seguintes, diante das incertezas com a inflação elevada, o aumento da taxa de juros e o alto endividamento das famílias. Para a semana serão destaques os dados de produção industrial, IPCA, IGP-DI, produção e emplacamento de veículos, além das divulgações do *payroll* e da ata do FED.

## Expectativas

### Inflação Implícita Em 12 meses



Fonte: Anbima. Elaboração ABBC

De acordo com levantamento de 01/07 da Agência Broadcast, a mediana das estimativas para o crescimento do PIB apresentou, em relação à versão anterior, um incremento de 0,10 p.p. nas projeções de 2022, 2023 e 2024, que ficaram respectivamente em 1,60%, 0,60% e 1,80%, na esteira do bom resultado do PIB durante o 1T22 e dos dados mais robustos de emprego em maio.

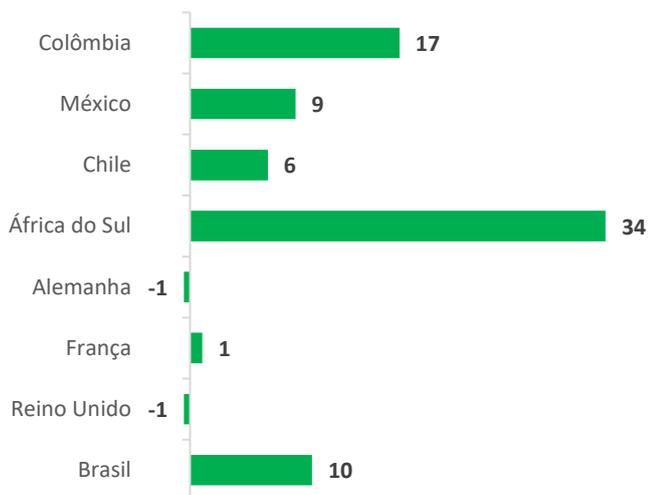
Entre as duas divulgações, a mediana das estimativas de mercado para o IPCA em 2022 recuou expressivamente em -0,72 p.p. para 7,70%, contemplando os prováveis impactos da diminuição da alíquota do ICMS sobre o gás de cozinha, energia elétrica, gasolina e outros (já aplicada em alguns estados) e pela desoneração dos impostos federais sobre os combustíveis. Por sua vez, apesar de que as medidas tributárias elevarem a inflação no horizonte relevante de política monetária, a mediana das estimativas para 2023 permaneceu estável em 5,00%, nível superior ao teto da meta de 4,75%. Para 2024, houve aumento de apenas 0,05 p.p. para 3,25%, frente ao levantamento anterior.

A mediana das projeções de mercado para a Selic manteve-se inalterada em 13,75% a.a. ao término de 2022, mas avançando em 0,25 p.p. para 10,50% a.a. ao final de 2023 e permanecendo estável em 7,50% a.a. no fim de 2024. As estimativas para a taxa de câmbio permaneceram inalteradas em R\$/US\$ 5,05 ao final de 2022 e em R\$/US\$ 5,10 ao término de 2023 e 2024.

Por último, a inflação implícita no prazo de 1 ano recuou -0,42 p.p., entre os dias 24/06 e 01/07, para 6,34% e reduziu-se em -0,20 p.p. para 6,45% para o prazo de 2 anos.

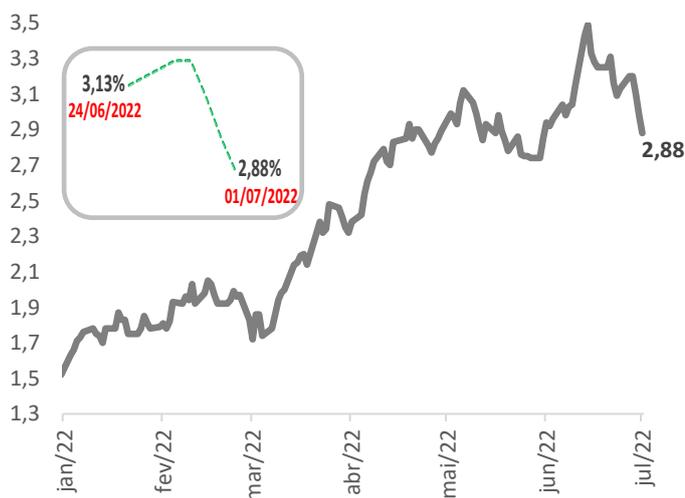
## Aversão ao Risco

### Credit Default Swap (CDS) Variação na semana



O aumento das chances de uma recessão global produziu a piora da aversão ao risco nos mercados globais, mesmo com a elevação da probabilidade de que o Federal Reserve (Fed) arrefeça o ritmo de alta na taxa de juros básica. Este movimento teve como desdobramento o aumento do risco soberano dos países emergentes, especialmente os dos exportadores de *commodities*. Assim, o do Brasil, medido pela cotação do CDS de 5 anos, subiu 10,07 bps. na semana para 296,48 bps..

### T-Note de 10 anos (a.a.)

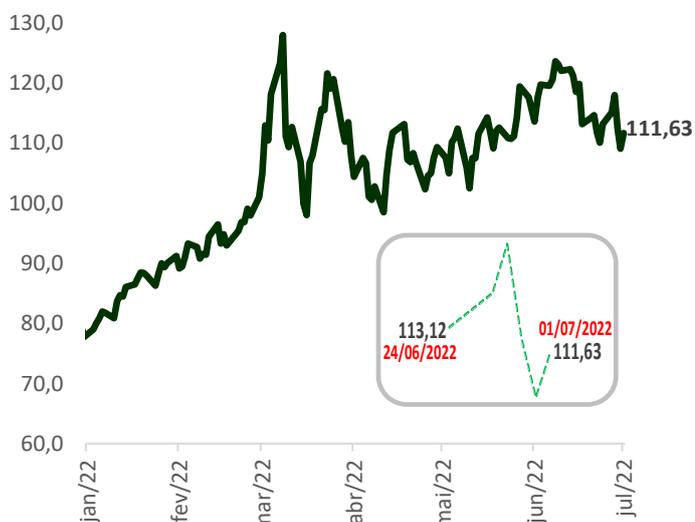


Agregando a esse cenário os dados mais fracos da atividade econômica, o rendimento das *T-Notes* com vencimento em 10 anos recuou -0,25 p.p. na semana, encerrando em 2,88% a.a. e devolvendo toda a alta verificada no mês de junho. Apesar desta queda sustentar a valorização dos preços dos títulos privados, as 3 principais bolsas do EUA encerraram a semana em queda (-4,1% Nasdaq, -2,2% S&P e -1,3% Dow Jones). Com isso, cresce as atenções nesta semana para as divulgações do *Payroll*, outros indicadores de atividade e a ata do Fed.

Por fim, a cotação do barril de petróleo apresentou elevada volatilidade na semana, refletindo os anseios dos agentes com o desequilíbrio entre a oferta e demanda da *commodity*. Por um lado, pesa a possível recessão global, de outro atua a crescente perspectiva de que a Opep não consiga atender sua meta de expansão e a Guerra no Leste Europeu. Dessa forma, a semana fechou com queda de -1,32% na cotação do barril de Brent para US\$ 111,63.

### Petróleo

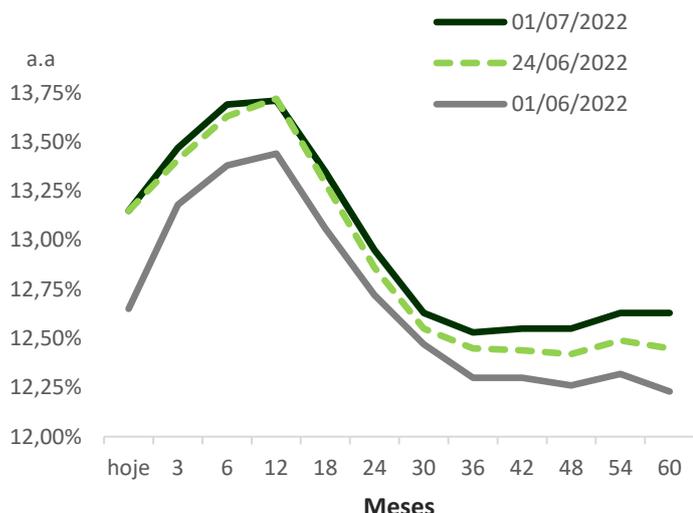
#### Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

## Taxa de Juros

### Estrutura a Termo das Taxas de Juros



A ampliação dos temores da aproximação de uma recessão global, com a divulgação de dados mais fracos da indústria nos EUA e na Zona do Euro, reduziu as apostas de uma política monetária mais agressiva e desdobrou-se em um expressivo recuo no rendimento das *T-Notes* de 10 anos que poderia trazer um alívio nos prêmios ao longo da Estrutura a Termo da Taxa de Juros.

A taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias exibiu uma ligeira queda de -0,01 p.p., encerrando a semana em 13,71% a.a.. Entretanto, nos vértices de prazos mais elevados foram constatados aumentos nos prêmios de risco com a preocupação dos investidores com a trajetória fiscal, com a aceleração na tramitação da chamada “PEC dos Benefícios”. Com isso, as taxas de juros dos prazos de 24 e 36 meses apresentaram elevações de 0,09 p.p. e 0,08 p.p. para 12,95% a.a. e 12,53% a.a., respectivamente. Enquanto as dos vértices mais longos de 48 e 60 meses tiveram altas de 0,13 p.p. e 0,18 p.p., para 12,55% a.a. e 12,63% a.a., na ordem.

Com esse cenário, o *spread* da taxa de juros de 1 e 10 anos com base na negociação dos títulos públicos, apurado pela Anbima, subiu 0,13 p.p., para -0,54 p.p.. Enquanto, no mercado futuro da B3, houve aumento de 0,17 p.p. para 0,88 p.p. no encerramento do dia 01/07

### Swap DI Pré- 360 dias



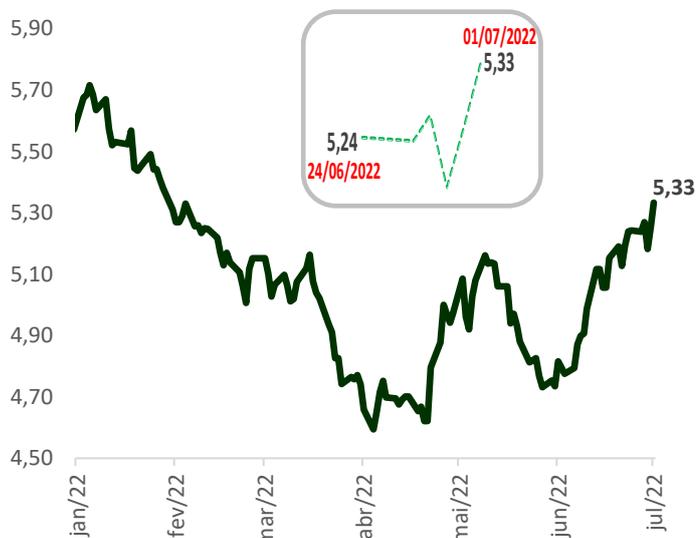
### Spread da Taxa de Juros Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3. Elaboração ABBC

## Câmbio

### Real/US\$



Na esteira do aumento da aversão ao risco nos mercados globais, com a crescente possibilidade de uma recessão global, o dólar ganhou força na semana, tanto frente às moedas dos países emergentes, quanto às dos países desenvolvidos. No período, o *Dollar Index*, que mede a variação da divisa norte-americana em relação às de países desenvolvidos, acumulou alta de 0,91%, em linhas com as depreciações de 1,43% na libra esterlina e de 1,33% no euro.

### Dollar Index



Por sua vez, o índice que calcula o desempenho das moedas de países emergentes em relação ao dólar apresentou queda de -1,33% na semana, com destaques para as depreciações de 1,99% no peso mexicano e de 0,97% no peso argentino.

No cenário doméstico, além do aumento da aversão ao risco no exterior, pesou a elevação do risco fiscal com a provável aprovação da “PEC dos Benefícios”, que deverá elevar o gasto público este ano em torno de R\$ 41 bilhões. Neste contexto, o dólar encerrou cotado a R\$ 5,33, o que representou alta de 1,71% na semana e de 10,73% no mês. Por fim, o Banco Central atuou no mercado cambial somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/08/2022.

### Índice de Emergentes\*



\*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

## Relatório Trimestral de Inflação – Mar/22

### Projeções de Inflação - Cenário com Selic Focus e câmbio PPC

Variação do IPCA acumulada em quatro trimestres

Ano	Trim.	Meta	RI mar/22	RI jun/22	Dif. (p.p.)
2022	II		10,5	12,0	1,5
2022	III		8,4	10,3	1,9
2022	IV	3,50	6,3	8,8	2,5
2023	I		4,6	6,7	2,1
2023	II		4,0	5,6	1,6
2023	III		3,4	4,9	1,5
2023	IV	3,25	3,1	4,0	0,9
2024	I		2,8	3,6	0,8
2024	II		2,5	3,1	0,6
2024	III		2,4	2,8	0,4
2024	IV	3,00	2,3	2,7	0,4

Fonte: BCB-RTI. Elaboração ABBC

O Relatório Trimestral de Inflação (RTI) de junho elencou como riscos altistas para a dinâmica inflacionária: i) a inflação observada recentemente maior do que a esperada; ii) a revisão das projeções de curto prazo e das expectativas inflacionárias pelo Focus; iii) elevação do preço do petróleo; iv) propagação via inércia inflacionária das pressões correntes; v) indicadores de atividade econômica mais fortes do que o esperado; e vii) a utilização de taxa de juro neutra maior do que no relatório anterior (4,0% vs 3,5%). Do lado baixista pesaram: i) a trajetória mais elevada da Selic da pesquisa Focus; e ii) a apreciação cambial.

O documento destacou-se ainda como fator altista, o risco da maior persistência da pressão global de preços industriais, com os *lockdowns* na China, de rearranjos das cadeias produtivas e a inflação disseminada globalmente. A conjugação desses fatores tem obrigado a reprecificação da política monetária nos países avançadas, tornando as condições financeiras mais restritivas para os países emergentes.

O RTI sublinhou ainda a surpresa inflacionária, motivada pelo comportamento dos preços livres, especialmente dos alimentos e dos preços industriais, compensada parcialmente pelo arrefecimento nos preços administrados, enquanto os dos alimentos devem seguir pressionados em junho, mas com provável alívio a frente com a sazonalidade favorável. Já a alta dos demais bens industriais e dos serviços deve se reduzir moderadamente, mas ainda continuará exercendo pressão significativa, devido ao crescimento adicional do preço do petróleo e o das *commodities* agrícolas.

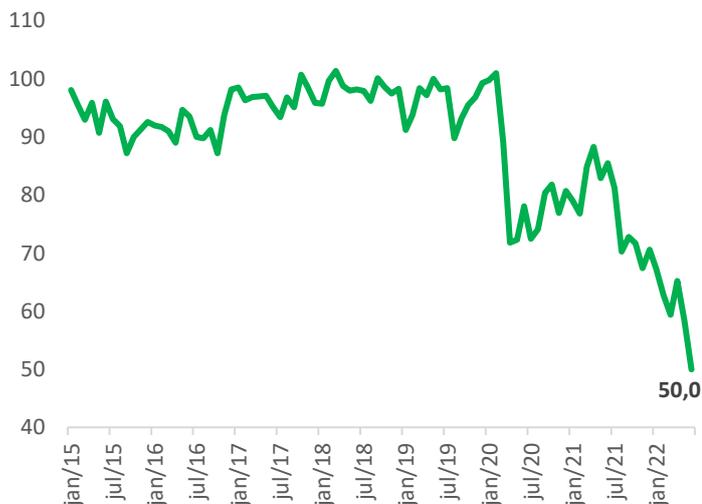
Nesse contexto, o RTI de jun/22 revisou suas projeções de inflação, considerando o cenário de referência do Copom, que utiliza trajetória para o preço do petróleo, seguindo aproximadamente a curva futura pelos próximos seis meses, taxa Selic da pesquisa Focus e taxa de câmbio seguindo a PPC. Com isso, a inflação acumulada em 4 trimestres atinge pico de 12,0% no 2T22, reduzindo-se para 8,8% no final do ano, acima do limite superior do intervalo de tolerância (5,00%) da meta para a inflação (3,50%). A inflação projetada cai para 4,0% em 2023 e 2,7% em 2024, diante de metas para a inflação de 3,25% e 3,00%, respectivamente.

O Copom considera ainda o cenário alternativo, em que é realizado exercício adicional em que a Selic é estável em 13,25% durante todo o período. Nesse cenário, as projeções de inflação para 2023 são inferiores em 0,3 p.p.. Ademais, dadas as incertezas envolvendo o preço do petróleo, ressalta-se cenário em que o preço do petróleo cresce a 2% ao ano desde o início do horizonte das projeções. Supondo ainda taxa Selic da pesquisa Focus e taxa de câmbio seguindo a PPC, a inflação acumulada em 4 trimestres nesse cenário atinge 9,2%, 4,3% e 2,7% em 2022, 2023 e 2024, respectivamente.

O RTI destacou também que, além desses canais, a política fiscal influencia as projeções condicionais de inflação por meio de impulsos sobre a demanda agregada. O Copom considera que, diante de suas projeções e do risco de desancoragem das expectativas para prazos mais longos tornou-se apropriado que o ciclo de aperto monetário continue avançando significativamente em território ainda mais contracionista e antevê um novo ajuste, de igual ou menor magnitude no próximo encontro

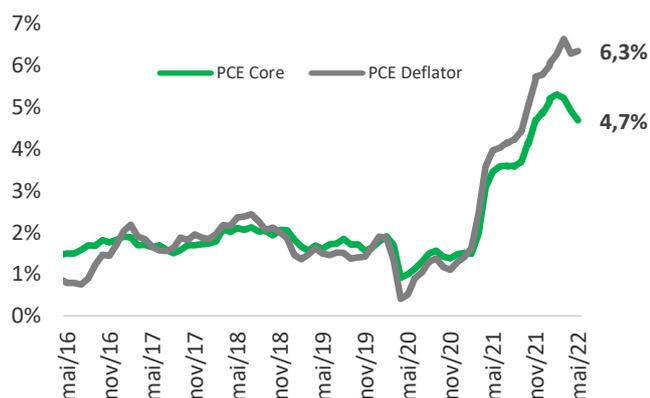
## EUA - Jun/22

### Confiança do Consumidor



Fonte. The University of Michigan. Elaboração ABBC

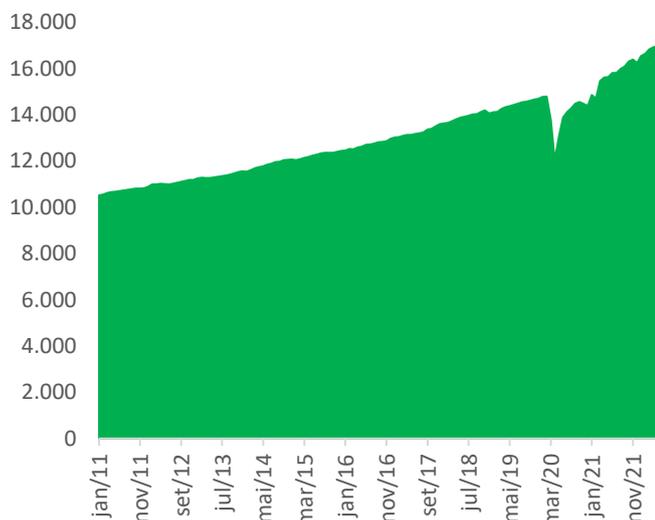
### EUA – PCE Variação Anual (%)



Fonte: US Department of Labor. Elaboração ABBC

### Despesas de Consumo Pessoal

Em US\$ bilhões (dessazonalizado e anualizado)



Fonte. Board of Governors. Fed. Elaboração ABBC

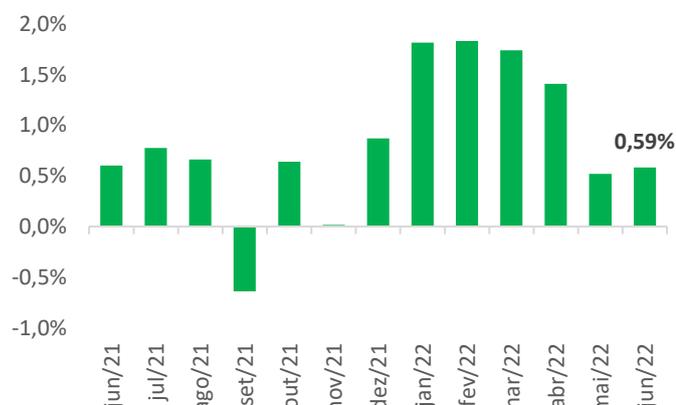
Com o processo de aperto monetário adentrando em terreno contracionista, foram ampliados os receios com a possível formação de um processo recessivo nos EUA. A leitura final para o PIB do 1T22 dos Estados Unidos apontou recuo anualizado de -1,6% em relação ao trimestre imediatamente anterior, ante uma expansão de 6,9% a.a. no 4T21 (-1,5% na leitura anterior). A perda de dinamismo refletiu o desempenho menos favorável nas exportações, nos gastos do governo federal, no investimento em estoques privados e nos gastos dos governos estaduais e municipais, enquanto as importações, que são uma subtração no cálculo do PIB, e o investimento fixo não residencial e residencial aumentaram.

Os gastos pessoais com consumo tiveram alta de 1,8% no 1T22 em termos anualizados (redução de -1,3 p.p. ante a 2ª leitura), após o aumento de 2,5% no 4T21. Os investimentos também perderam ímpeto, passando de alta de 36,7% no 4T21 para crescimento de 5,0% (revisão de +4,5 p.p.), e os gastos públicos recuaram -2,9% (-0,2 p.p.), após queda de 2,6% no 4T21. Na análise mensal, os gastos pessoais com consumo subiram 0,2% em maio, ante consenso de uma elevação de 0,4%. Em abr/22, houve elevação de 0,9%, sugerindo uma economia um pouco mais fraca em meio ao avanço da inflação e alta dos juros.

Já o índice de confiança do Consumidor da Universidade de Michigan recuou -8,4 pts. em jun/22 para 50,0 pts. ao menor patamar de toda a série iniciada em novembro de 1952. Com relação a jun/21, a queda observada era de 35,5 pts. A confiança do consumidor pelo *Conference Board* caiu de 106,4 pts para 98,7 pts, atingindo o menor valor desde fev/21 (95,2 pts). O PCE, Índice de Preços para Despesas com Consumo Pessoal, parâmetro para a definição da política monetária, subiu 0,6% no mês de maio, ante alta de 0,2% em abr/22, encerrando em 6,3% a.a.. O núcleo do PCE, por sua vez, cresceu 0,35% em maio, ante estimativa de 0,4% (alta de 0,3% em abr/22), desacelerando a trajetória de alta de 4,9% a.a. para 4,7% a.a. em maio.

## IGP- M - Jun/22

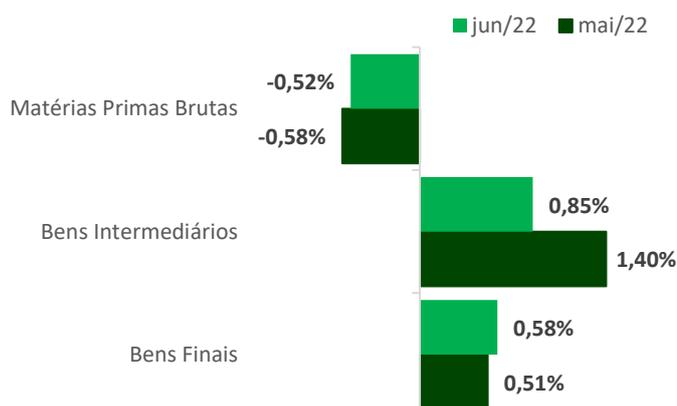
### Variação Mensal



O Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), apurado e divulgado pela FGV, teve alta de 0,59% em junho ante aumento de 0,52% em maio. A variação foi inferior às expectativas do mercado (0,69%). Embora o ligeiro aumento na margem, a variação em 12 meses segue em trajetória de desaceleração desde mai/21, saindo de 37,04% a.a. para 10,70% a.a. em jun/22, com um suave recuo de -0,02 p.p. ante mai/22.

Em oposição, o IPA, índice de maior peso no IGP-M, teve queda de 0,45% para 0,30% em relação ao mês anterior. Com a 6ª queda consecutiva, a variação em 12 meses passou de 10,82% a.a. em mai/22 para 10,69% em junho, menor índice desde jun/20 (9,77%).

### Variação Mensal Por grupo



Mesmo ainda com indicadores elevados, o movimento de desaceleração é motivado pelo comportamento dos preços dos Bens Intermediários, que saíram de 1,40% em mai/22 para 0,85% em junho, influenciado pela queda no subgrupo de materiais e componentes para a manufatura. Em contrapartida, os Bens Finais passaram de 0,51% para 0,58%, grande parte em medida da desaceleração da queda dos preços do subgrupo de alimentos in natura, que foram de -3,96% para -0,84%. O estágio das Matérias-Primas Brutas segue com a taxa negativa pelo 3º mês consecutivo, porém com redução de -0,58% em mai/22 para -0,52% em junho.

### Evolução Anual



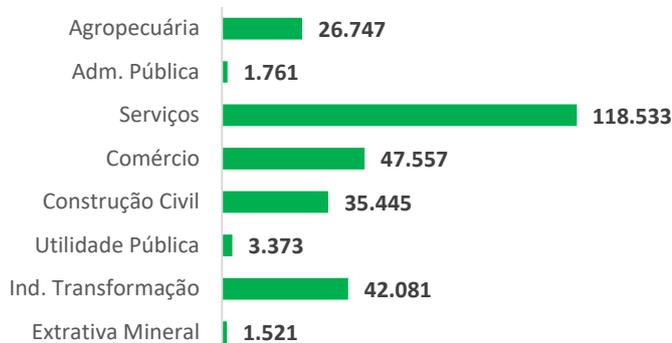
O IPC apresentou queda em 6 dos 8 itens de sua composição, porém o expressivo aumento de -2,57% em mai/22 para 0,65% em junho em habitação e a alta de 1,20% para 1,52% em vestuário foram suficientes para alavancar o índice para 0,71% no mês ante 0,35% em maio. Enquanto o IPA segue em trajetória cadente na variação em 12 meses, o IPC apresenta um movimento contrário, saindo de 7,94% a.a. em jun/21 para 10,23% a.a. em jun/22.

Em linha, o INCC apresentou alta de 2,81% ante 1,49% em mai/22, com aumento apenas em Mão-de-obra, que passou de 1,43% para 4,37%. Em 12 meses, o índice teve alta de 0,56 p.p. para 11,75%, o primeiro movimento de aceleração registrado no ano, porém ainda em queda em relação a jun/21 (16,88%).

Fonte: FGV. Elaboração ABBC

## Caged – Mai/22

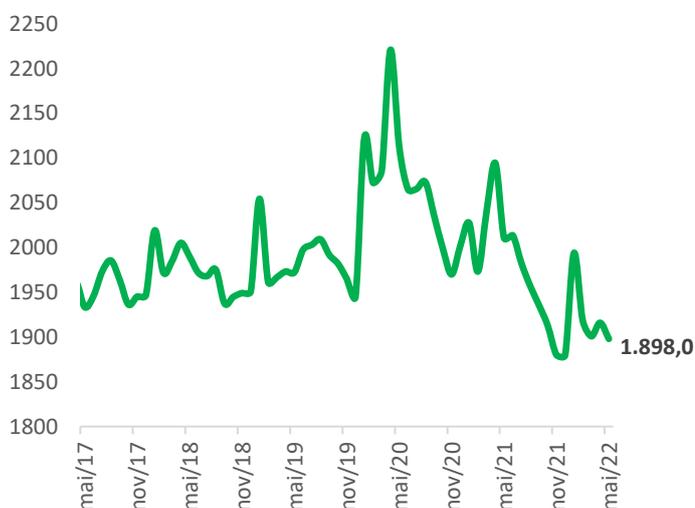
### Saldo Mensal Por setor de atividade



### Geração de Empregos (Acumulada em 12 meses) Ajustada com declarações fora do prazo – em milhões



### Salário Médio Real de Admissão Variação Anual



Em maio, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados apresentou a geração líquida de um saldo de 277,0 mil novos empregos formais gerados, resultante de 1.960,9 mil admissões e 1.683,9 mil demissões. Houve aumento de 40,3% em relação ao mês anterior que encerrou com 197,4 mil empregos, consideradas as declarações fora de prazo, o que surpreendeu o mercado que aguardava um número entre 175 mil e 180 mil novos postos.

O bom resultado do mês foi reflexo do surgimento de novas vagas em todos os setores, em especial os setores de serviços, com a criação de 120,2 mil empregos (42,8% das vagas criadas no mês), seguido pelo setor de comércio com saldo de 47,5 mil (17,2%) e a indústria de transformação, com o surgimento de 46,9 mil vagas (17,0%).

No ano, já foram criados 1.051,5 mil empregos, com destaque novamente para o setor de serviços, que representa 62,6% dos novos postos. Apesar do bom desempenho no ano e dos saldos positivos em todos os meses, houve uma desaceleração na geração líquida de vagas de -9,4% em relação ao mesmo período de 2021. Este desempenho beneficiou-se dos estímulos econômicos, como o Auxílio Brasil, os saques do FGTS e antecipação do 13º salário. Contudo, no 2º semestre deverão ser sentidos os efeitos do aperto da política monetária na atividade econômica e, a seguir, no mercado de trabalho.

O salário de admissão deflacionado pelo INPC ficou em R\$ 1898,02, um recuo de -R\$ 18,05 ante abril e de -R\$ 112,67 em relação a mai/21 e uma queda de -5,6% em 12 meses. A diminuição dos salários e a inflação crescente deterioraram o poder de compra do trabalhador, o que se refletirá no orçamento das famílias reduzindo o espaço para o cumprimento das obrigações com endividamento que, por sua vez, mantém em níveis recordes.

Fonte: MTE. Elaboração ABBC

## Pnad Contínua - Mai/22

### Taxa de Desocupação Trimestre móvel

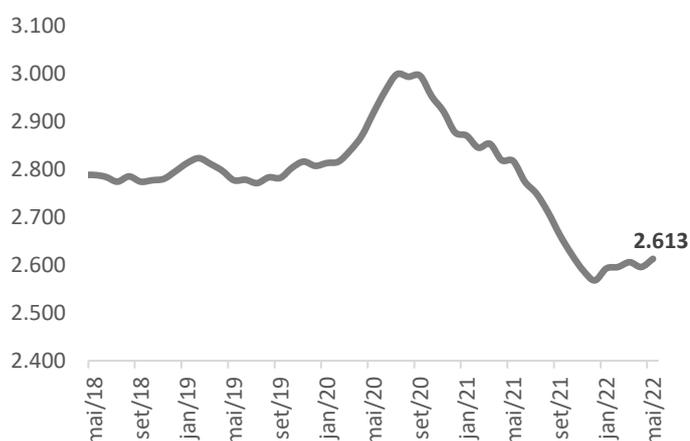


### População Ocupada Em milhões de pessoas



### Rendimento Médio Real

Rendimento habitual de todos os trabalhos – em R\$



Alinhado ao desempenho favorável da atividade econômica em 2022, o mercado de trabalho continua apresentando evolução muito positiva. Todavia, a intensidade desta recuperação tende a se reduzir em meio ao esperado arrefecimento da economia em resposta ao aperto das condições financeiras.

De acordo com a Pnad Contínua, a taxa de desocupação recuou significativamente para 9,8% (10,6 milhões de pessoas) da força de trabalho no trimestre móvel findo em maio, no menor nível para o período desde 2015 (8,3%). O resultado representa uma queda de -1,4 p.p. em relação ao trimestre anterior (11,2%) e de -4,9 p.p. (14,7%) na comparação com o mesmo intervalo de 2021.

A população ocupada, estimada em 97,5 milhões, é a maior da série histórica. Este total mostrou avanço de 2,4% em relação ao trimestre anterior e de 10,6% na comparação anual, o equivalente ao aumento de 2,3 milhões de pessoas no trimestre e de 9,4 milhões de ocupados no ano. O processo de expansão mais intenso na ocupação ocorre em diversas formas de inserção no mercado de trabalho, tanto entre os informais quanto os com carteira assinada. No trimestre, houve crescimento de 2,8% nos empregados com carteira assinada (35,6 milhões de pessoas), recompondo o patamar pré-pandemia, e com alta de 12,1% na comparação anual. Impulsionado pelo segmento educacional e de serviços, com a retomada das atividades presenciais, destaques no mês para os grupamentos de administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais e os ligados aos outros serviços, alojamento e alimentação, serviços domésticos e transporte.

A expansão do trabalho formal, entendido como de melhor qualidade, entretanto não se replica em aumento da renda real. O rendimento médio real habitual de todos os trabalhos encerrou em R\$ 2.613,00, com estabilidade frente ao trimestre anterior e queda de -7,2% em relação ao mesmo período de 2021. A massa de rendimento real habitual (R\$ 249,8 bilhões) cresceu 3,2% frente ao trimestre anterior e 3,0% na comparação anual. Por fim, a população desalentada recuou -8,0% no trimestre e -22,6% no ano para 4,3 milhões de pessoas. Com isso, a taxa composta de subutilização atingiu 21,8%, caindo -1,7 p.p. no trimestre e -7,4 p.p. na comparação interanual.

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

## Resultado Fiscal – Mai/22

### Resultado Primário do Governo Central

Varição Mensal – em R\$ milhões



Com a antecipação do 13º para os aposentados e os gastos com o Auxílio Brasil, o resultado fiscal do Governo Central apresentou um déficit mensal de R\$ -39,4 bilhões em maio, contra um saldo positivo de R\$ 28,9 bilhões em abr/22. Foi o pior resultado registrado para o mês nos últimos 2 anos e o 2º maior déficit para desde o início da série histórica, só perdendo para mai/20, quando teve início a pandemia de Covid-19.

Na comparação com o mai/21, o déficit primário apresentou um aumento de 87,8% em termos nominais. Com isso, o resultado positivo do Governo Central acumulado no ano retrocedeu de R\$ 79,3 bilhões registrados em abr/22 para R\$ 39,2 bilhões. Porém, o déficit acumulado em 12 meses em relação ao PIB encerrou em -0,02% ante -6,3% em mai/21.

### Resultado Primário – Governo Central

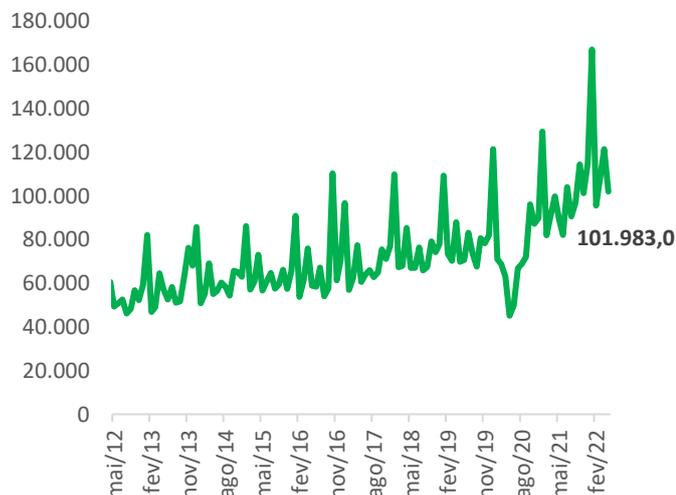
em % do PIB



Já a receita líquida do governo recuou -16,0% na margem (alta de 114,4% em comparação com mai/21), atingindo R\$ 102,0 bilhões, diante da arrecadação recorde de abril, que elevou as transferências da União para estados e municípios. Além disso, as receitas começam a sentir os efeitos das desonerações concedidas pelo governo no estímulo à indústria, com a redução do IPI que representou só em maio uma queda de R\$ -1,8 bilhão em relação ao mesmo mês do ano passado. Em contraposição, a alta do preço do petróleo, as receitas dos *royalties* e a elevação do lucro de empresas de energia e de combustíveis contribuíram para impulsionar a arrecadação do Imposto de Renda no mês.

### Receita Administrada pela RF

Varição Mensal – Em R\$ milhões

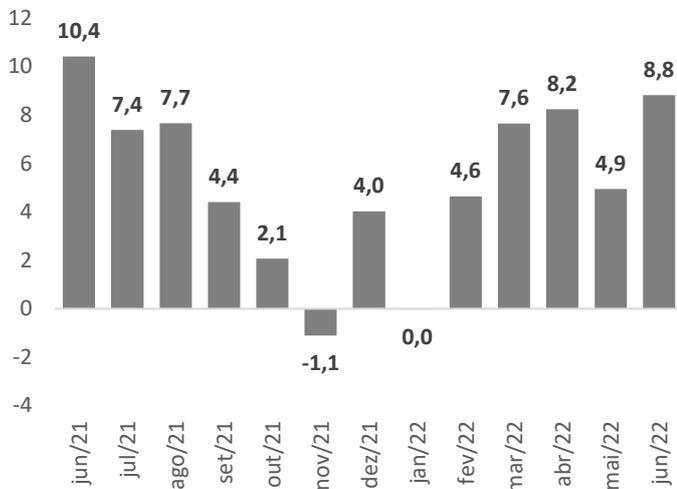


Do lado das despesas, o principal fator que contribuiu para o aumento dos gastos foi a antecipação do 13º de aposentados e pensionistas, o que elevou os gastos com a Previdência Social. Pesou também o aumento dos encargos com o pagamento do benefício do Auxílio Brasil. Em compensação, reduziu-se os gastos com o funcionalismo federal cujo congelamento de salários levou à greve de diversas categorias de servidores.

Fonte: Tesouro Nacional. Elaboração ABBC

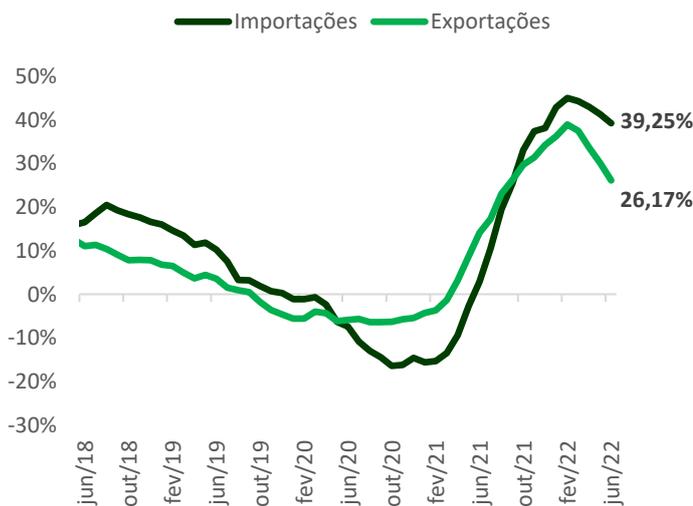
## Balança Comercial - Mai/22

### Saldo Comercial Mensal Em US\$ bilhões



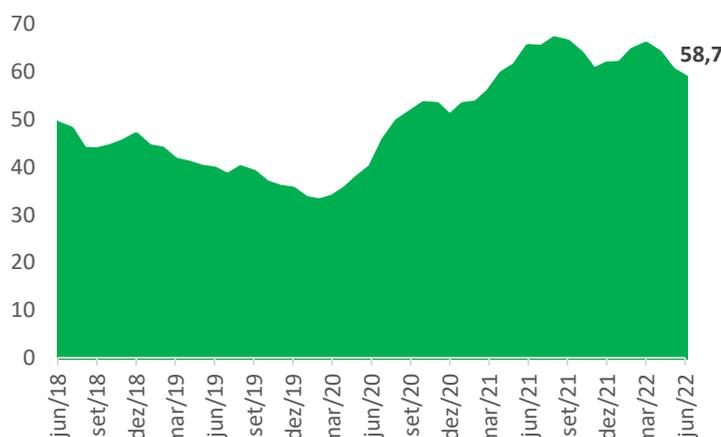
Após a redução do superávit da balança comercial em mai/22, o mês de junho apresentou um saldo positivo de R\$ 8,8 bilhões, que significou um aumento de 78,4% na margem e resultou de US\$ 32.675 milhões em exportações e US\$ 23.861 milhões em importações. Assim, o semestre fechou com um saldo de 34.224 milhões, com um recuo de -7,4% em relação ao mesmo período no ano anterior. Nesta mesma base comparativa, o total das exportações foram de US\$ 164.059 (+20,5%) e as importações US\$ 129.813 milhões (+30,9%).

### Balança Comercial Acumulada em 12 meses



O saldo da balança comercial acumulado em 12 meses foi de US\$ 58.653 milhões, o que representou uma redução de -9,9% em relação a jun/21. O superávit vem se reduzindo com o aumento mais acelerado das importações em relação ao das exportações. O total das importações em 12 meses era de US\$ 250.044 (+39,2% ante jun/21), enquanto o das exportações foi de US\$ 308.697 (+26,2%). A expansão na venda e compra de bens e serviços tem levado a sucessivos aumentos na corrente de comércio, que fechou junho em US\$ 56,5 bilhões, batendo o recorde na série histórica pelo 2º mês consecutivo.

### Balança Comercial Acumulada em 12 meses – em US\$ bilhões

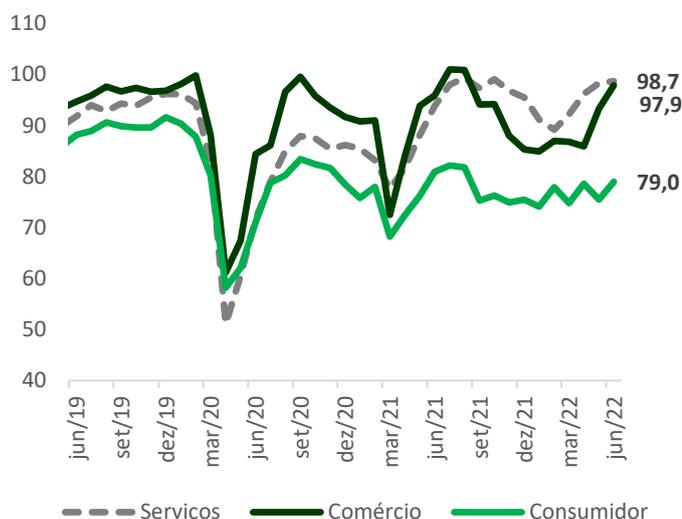


Para 2022, a Secretaria de Comércio Externo estima um superávit na balança comercial de US\$ 81,5 bilhões (contra US\$ 111,6 bilhões projetados anteriormente), resultado de US\$ 349,4 bilhões em exportações (US\$ 348,8 bilhões) e US\$ 268 bilhões em importações (US\$ 237,2 bilhões). Nesse caso, a corrente de comércio ficaria em US\$ 617,4 bilhões (US\$ 586 bilhões).

Fonte: MDIC. Elaboração ABBC

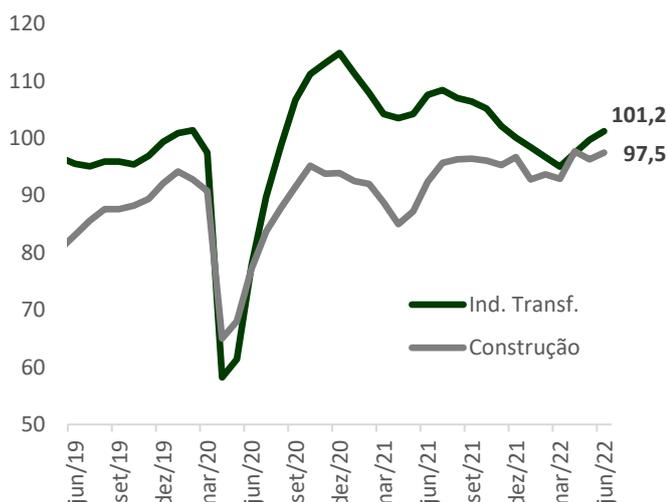
## Sondagens de Confiança - Jun/22

### Índices de Confiança Série com ajuste sazonal



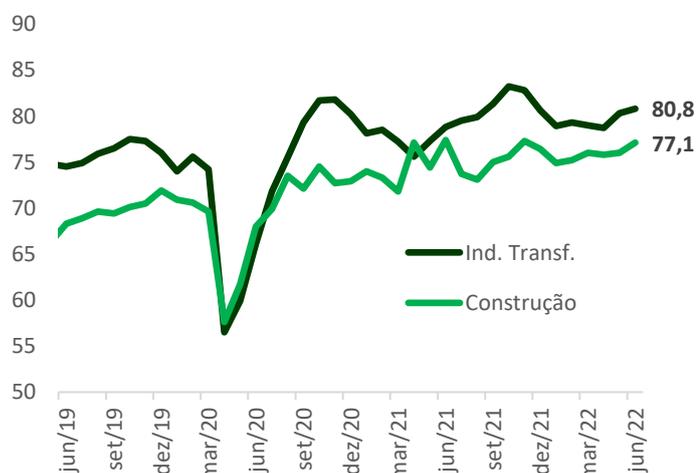
As sondagens empresariais da FGV mantiveram evolução positiva nos índices de confiança em junho, em todos os principais setores, refletindo o maior grau de abertura da economia, as avaliações favoráveis em relação a atividade e o maior equilíbrio dos estoques na indústria. Todavia, a perspectiva mantém-se mais desafiadora para os próximos meses, diante das incertezas com o aumento da inflação, da taxa de juros e do endividamento das famílias.

### Índices de Confiança Série com ajuste sazonal



Nas últimas apurações, a retomada da confiança vem sendo puxada pelo setor de serviços, beneficiada pela recuperação nas atividades de Serviços Prestados às Famílias e de Transportes, uma das mais afetadas nos piores momentos da pandemia. Com alta de 0,4 pt. na série dessazonalizada (98,7 pts.), a confiança de serviços refletiu a melhora nas expectativas futuras (+0,8 pts.), enquanto o índice de situação atual permaneceu estável. Já no comércio cresceu 4,6 pts. (97,9 pts.) alavancada pela melhora da percepção com a situação corrente (+7,4 pts.) em detrimento do componente de expectativas (+1,8 pt.).

### Nível de Utilização da Capacidade Instalada



A confiança da indústria de transformação cresceu 1,5 pt. (101,2 pts.), pelo 3º mês consecutivo, com a melhora na percepção sobre a situação corrente dos negócios (1,9 pt.) e nas expectativas (1,2 pt.). Em consonância, o índice da construção subiu 1,2 pt. para 97,5 pts., refletindo perspectivas melhores em relação à situação presente (1,4 pt.) e à demanda para os próximos meses (0,9 pt.).

Embora a sondagem dos consumidores ter mostrado crescimento no mês, possivelmente pela melhora do mercado de trabalho e a liberação de novos recursos pelo governo, o cenário é ainda incerto, o que tende a conter uma alta mais expressiva esse ano por conta da inflação e juros elevados e as incertezas com as eleições. No mês, houve alta de 3,5 pts. (79,0 pts.), com expansão mais intensa nas expectativas (4,9 pts.) do que com a situação presente (1,4 pt.).

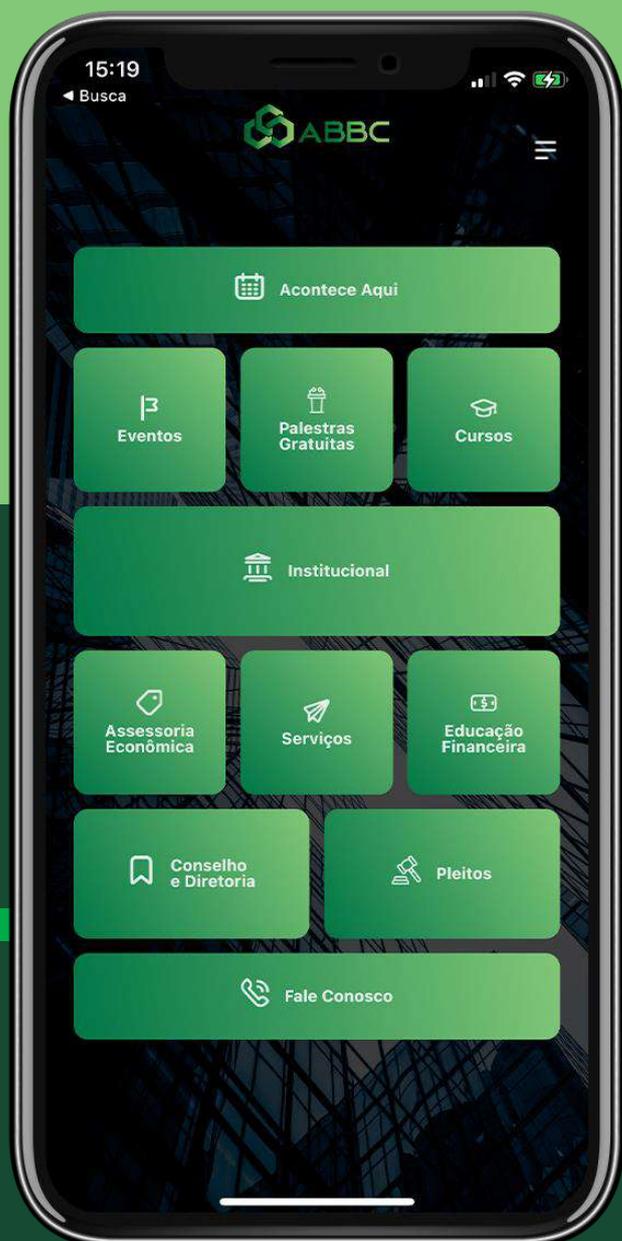
Por fim, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) da indústria aumentou 0,5 pt. e o da construção, 1,1 pt., para 80,8 pts. e 77,1 pts., respectivamente.

Fonte: FGV. Elaboração ABBC

## Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
<b>Atividade, Inflação e Juros</b>					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	1,5	0,6
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	8,9	6,6
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	11,0	10,8
IPCA (% a/a fim de período)	4,3	4,5	10,1	9,1	4,4
IGP-M (% a/a fim de período)	7,3	23,1	17,8	12,6	4,5
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	9,75
<b>Setor Externo e Câmbio</b>					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	67,0	55,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-25,0	-33,7
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	61,0	69,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,05	5,05
<b>Fiscal</b>					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	-0,2	-0,3
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-5,9	-5,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	60,9	63,9
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	78,9	80,6

Fonte: ABBC



## Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO  
**Google Play**



Disponível na  
**App Store**



## Assessoria Econômica



[abbc.org.br](http://abbc.org.br)  
[assessoriaeconomica@abbc.org.br](mailto:assessoriaeconomica@abbc.org.br)



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156  
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –  
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688